

Mundus

Mundus

2007 NÚMERO 16_FEVEREIRO

ALÉM FRONTEIRAS, A CIÊNCIA EM PORTUGUÊS
MAIS DE 55 ENTREVISTAS A INVESTIGADORES PORTUGUESES NO ESTRANGEIRO



ENTREVISTA

João Magueijo
Department of Physics,
Imperial College
London, UK

FACTOS E NÚMEROS

Produção Científica Nacional
Investigadores em Portugal
e no Estrangeiro

ENTREVISTA

Diogo Barral
Presidente da Portuguese
American Postgraduate
Society – PAPS

CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO EM PORTUGAL

EMPREGO CIENTÍFICO, BOLSAS, FINANCIAMENTO À INVESTIGAÇÃO



PATRÍCIA BELDADE

Idade:

34 anos

Área:

Biologia (Genética, Desenvolvimento e Evolução)

Funções actuais:

Prof. Associada / Investigadora, Holanda

O que a levou a deixar o país e ir estudar para o estrangeiro?

Saí do país logo após a minha licenciatura para fazer um estágio extra-curricular em França. Voltei por um ano para participar no programa de doutoramento em Biologia e Medicina da Gulbenkian e depois saí outra vez para o trabalho de doutoramento na Holanda. Desde então só voltei a Portugal para férias.

Acho que não houve uma razão única que me levou a ir estudar para o estrangeiro, mas antes uma série de razões que acabaram por me puxar para fora com mais força do que a força das razões que me queriam em Lisboa (a família e amigos, e a portugalidade que me é natural e, por isso, fácil).

Se tivesse de resumir em poucas palavras eu diria "oportunidade, curiosidade e área de interesse". Oportunidade porque sem os meios (nomeadamente bolsas de estudo e laboratórios no estrangeiro dispostos a aceitaram-me como estudante) dificilmente teria ido. "Mochila às costas e partir à aventura" soa bem e daria assim um ar descontraído e radical à história mas não

"...parece-me que estou no estrangeiro prisioneira da minha especialização..."

foi o que aconteceu e, tanto quanto sei, não é assim que costuma acontecer. A curiosidade e vontade de aprender serão, suponho, características de todos os investigadores (todas as pessoas?); os que ficam em Portugal e os que vão para fora. A curiosidade de que falo aqui, mais do que a "científica" é a pessoal/cultural; o querer experimentar viver como fazem outras culturas. Mais do que Biologia (a minha área de formação), tinha vontade de aprender "mundo", se isso existe; outras línguas, outras rotinas e outros modos de estar na vida. E também, claro, aprender a desvincular-me sozinha longe da facilidade que é ter família e amigos a distância de autocarro. Finalmente, havia nessa altura poucas pessoas a fazer investigação na minha área de especialização, a biologia evolutiva. Ir para o estrangeiro apresentou-se então como a melhor maneira de expandir (e mesmo guiar) a minha formação neste campo.

O que a fez ficar? Porque não voltou?

Quase me apetece responder "porque foi calhando". O que me tem mantido fora de Portugal são as oportunidades que vão surgindo. Portas que se vão abrindo (quase) sozinhas, ao ponto de eu às vezes achar que tive um papel (quase) passivo nos trajectos da minha vida (profissional). Claro que isso não é nada bom ... mas também acho que não é totalmente verdade. Acontece é que as escolhas que vamos fazendo no início de carreira acabam (sempre) por limitar as escolhas que podemos fazer mais tarde.

Às vezes parece-me que estou no estrangeiro prisioneira da minha especialização. Trabalhei no doutoramento e pós-doutoramento com um sistema (experimental) que não é fácil de exportar. Faço investi-

gação usando umas borboletas que estão estabelecidas num laboratório na Holanda e numa área (ligar a variação genética à variação morfológica) que exige manter populações com números elevados de indivíduos. O investimento em tempo e dinheiro necessário para tentar reproduzir o sistema noutra local torna-o proibitivo para a maioria dos financiamentos disponíveis em Portugal. Assim, e porque há ainda tantas perguntas interessantes a explorar nestas borboletas, quando surgiu a possibilidade de vir trabalhar como Professora Associada / Investigadora no laboratório onde tudo está montado e funciona bem, pareceu-me uma escolha quase natural. Muitas vezes, e sobretudo quando as saudades de Portugal apertam, penso que o regresso seria infinitamente mais fácil se eu trabalhasse com um sistema dos chamados "modelo" (como as moscas do vinagre ou os peixe zebra - dir-se-á assim?) que existem em praticamente todos os institutos de investigação do mundo. Mas "difícil" não é a mesma coisa que "impossível" e culpar o sistema é demasiado simplista e soa a auto-desresponsabilização. Gosto de pensar que sou suficientemente flexível para poder mudar de sistema experimental se for necessário ou desejável... Só que ainda não aconteceu. Continuo a viver no estrangeiro porque tem calhado e até nem está a correr mal.

O que a faria voltar a Portugal (a nível profissional)?

Às vezes acho que era preciso muito pouco para me fazer voltar a Portugal, porque vontade não me falta. Ainda não voltei por falta de uma (boa) oportunidade - o que não é nada "pouco"! Para um regresso sério seria necessária uma garantia de condições de trabalho. Isto passa por um



ambiente estimulante (com massa crítica e dinamismo entre investigadores) e o apoio institucional (em termos de financiamento, logística, flexibilidade na organização do tempo entre o ensino e a investigação, etc.) que são fundamentais à produtividade científica. Ou então podia voltar a Portugal para fazer coisas completamente novas, que às vezes é o que apetece.

Na sua opinião, Portugal é um bom país para desenvolver trabalho de investigação científica? Porquê?

Esta é uma pergunta para a qual me sinto mal preparada. A verdade é que nunca fiz investigação independente em Portugal e custa-me, por isso, julgar se é ou não um bom país para investigação científica. A impressão que tenho de conversas com colegas que trabalham em Portugal e de visitas a centros de investiga-

ção nacionais que fui fazendo, é que as condições têm melhorado muitíssimo na última década. Há uma cada vez maior massa crítica de (jovens) investigadores cheios de energia e vontade de trabalhar e há acesso a financiamentos nacionais e estrangeiros que possibilitam estabelecer novos grupos e novas áreas de investigação e também dar continuidade e expandir áreas existentes julgadas de interesse. Estamos longe da situação de investimento científico que se vive nos Estados Unidos ou outros países da União Europeia, mas também é certo que se produz investigação de grande qualidade em Portugal.

Há seguramente muitas coisas a melhorar, mas nós temos pelo menos suficiente vontade e o know-how científicos e espero que cada vez mais possamos contar com a vontade e o apoio (também na forma de financiamentos) institucionais.

Para si quais as áreas de investigação mais promissoras em Portugal?

Se a pergunta anterior era difícil, nesta pergunta mal me atrevo. Ou melhor, não me atrevo mesmo sem antes esclarecer que não tenho a pretensão de achar que sei o que se passa nas “mil e uma” áreas da Ciência, ou sequer nas “cento e duas” da Biologia. Mas ainda assim, é com a investigação em Biologia que estou mais familiarizada. Do ponto de vista da chamada ciência aplicada, isto é, aquela que mais do que o “conhecimento” per se, procura resposta directa para questões médicas ou outras de aplicabilidade imediata, a genética de doenças humanas e as neurociências são duas áreas de grande interesse actual a nível internacional. Não sei se é desejável fazer a distinção entre as áreas mais promissoras em Portugal versus as áreas mais promissoras em geral; a ciência não conhece fronteiras e as “promessas” estão globalizadas. Mas haverá certamente determinadas questões que, por motivos históricos (por exemplo, a “doença dos pezinhos” foi descrita pela primeira vez em Portugal, pelo Professor Corino de Andrade nos anos cinquenta) ou demográficos (por exemplo, doenças de elevada incidência em Portugal ou o estudo de espécies cruciais à nossa economia) aparecerão como áreas de especial interesse nacional. Também a conservação e protecção da natureza, responsabilidade social e política de qualquer país desenvolvido, terá aspectos que, simplesmente pela geografia, merecerão especial atenção em Portugal (por exemplo, o estudo de comunidades de peixes endémicos às nossas costas ou rios). Finalmente, e porque até aqui mencionei apenas áreas consideradas mais aplicadas, não posso deixar de salientar que a chamada ciência fundamental, aquela que por oposição à aplicada se satisfaz com a procura do conhecimento mesmo que a aplicabilidade directa deste não seja (imediatamente) óbvia, é, na minha opinião, essencial em qualquer sociedade moderna. O conhecimento, o perceber como “funciona” o mundo e os seus habitantes, é seguramente sempre um objectivo “promissor” da investigação científica actual, em Portugal como em todo o lado. 